

# IMPORTA O QUE FAZEMOS COM NOSSAS MEMÓRIAS, COM NOSSA EXISTÊNCIA

Por: **Maria Isabel Pinheiro de Almeida**

Discente de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

E-mail: [mariaisabel.almeida@discente.univasf.edu.br](mailto:mariaisabel.almeida@discente.univasf.edu.br)

“A vida não é útil”. Em sua obra, o líder indígena e ambientalista Ailton Krenak afirma: “Isto que chamam de natureza deveria ser a interação do nosso corpo com o entorno, em que a gente soubesse de onde vem o que comemos, para onde vai o ar que expiramos”. Essa abordagem revela o quanto presente é a memória biocultural na constituição dos saberes tradicionais. Todavia, para melhor nos situarmos nessa reflexão, pensemos um pouco mais essa expressão.

A memória biocultural perpassa diversos campos dos saberes no estudo biológico sob um aspecto de interações entre as culturas e o meio natural, utilizando manejos não industriais e manutenção de saberes e/ou práticas ancestrais. Não é difícil pensar que os saberes tradicionais sejam, em muitos casos, tidos como obsoletos num cenário atual de urbanização, intensa industrialização e que considera válidas apenas as existências produtoras. Em suma, considerados defasados frente ao frenesi cotidiano. Contudo, de encontro a essa lógica, peço que reflitam comigo a manutenção e/ou resgate dessas memórias como uma aliada indispensável da conservação da natureza, no combate a crise planetária que tem se mostrado inevitável.

As práticas humanas influenciam significativamente a biodiversidade, inclusive na geração de maior diversidade. Nesse sentido, os povos tradicionais carregam consigo uma bagagem de íntimas experiências com as mais diversas formas de vida. São formas outras de perceber o mundo e, sobretudo, perceber nossa espécie no mundo.

Assim, é necessário pensar a conservação num aspecto biocultural pois a conservação de apenas uma ou outra forma de vida não tem se mostrado uma solução totalmente eficaz à crise que vivenciamos. É preciso, e urgente, conservar os conhecimentos, práticas e cosmovisões em torno das demais espécies. E tudo isso, haja vista que os modos de vida de segmentos tradicionais buscam usufruir da terra apenas o necessário à subsistência, buscando assim, manejar a natureza da forma menos invasiva o possível e também conservá-la para as gerações posteriores.

A conservação da natureza será viável apenas quando a lógica capitalista perder o espaço central na vivência humana e quando as diversas formas de vida obtiverem sua importância reconhecida. Finalmente, a conservação tornar-se-á viável quando houver um entendimento e práticas coletivas a cerca do que disse o Xamã Davi Kopenawa Yanomami no documentário “A Última Floresta”: “Para nós, importante são os animais da floresta, a fertilidade. Importante é dividir o alimento entre nosso povo, nossa sobrevivência, nosso crescimento, nossa forma de viver, e nossa existência como povo”.